A VERDADE COMO DESVELAMENTO DO SER NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

David Avelino Damião Vicente[1]
Osmar Ponchirolli[2]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a noção de verdade como desvelamento em Martin Heidegger, destacando a importância do Dasein no processo de revelação do ser. Com base na leitura da obra Ser e Tempo e de seus comentaristas, assim como de outros autores que abordam as questões da verdade e do ser, o estudo contrasta a visão tradicional de verdade como correspondência com a concepção heideggeriana de *aletheia*, onde a verdade é compreendida como um evento dinâmico. O Dasein, em sua existência autêntica, participa ativamente no desvelamento do ser, ultrapassando uma mera apreensão objetiva da realidade. O estudo também discute a estrutura temporal do Dasein, os desafios da autenticidade na modernidade, e a responsabilidade do ser humano na mediação da verdade.

Palavras-chave: Heidegger. Ontologia. Verdade. Ser. Dasein.

[1] Aluno do terceiro ano do curso de filosofia. FAE Centro Universitário. *E-mail*: david.vicente@mail.fae.edu

[2] Filósofo, Teólogo, licenciatura plena em Sociologia e História. Mestre e Doutor pela UFSC. Pesquisador interdisciplinar. *E-mail*: osmarp@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

O problema da verdade sempre foi um dos grandes desafios da filosofia no decurso de sua história. O fato de que o conteúdo considerado verdadeiro está em constante transformação pode nos levar a julgar que a verdade é inalcançável para o ser humano. Independentemente dos esforços empregados em sua busca, pode parecer que qualquer tentativa de encontrar algo que autenticamente possamos chamar de verdade seja em vã.

Neste contexto, o presente artigo se propõe a responder à pergunta que é: com base no pensamento de Martin Heidegger, como a noção de verdade pode ser compreendida diante de sua constante transformação e do aparente paradoxo entre sua busca e sua possível inalcançabilidade?

Assim, esta pesquisa procurou investigar a concepção de verdade como desvelamento no pensamento de Martin Heidegger, com foco no papel central do Dasein. Heidegger desafia as abordagens tradicionais da verdade, propondo uma visão em que o ser humano tem um papel ativo no desvelamento do Ser por meio de sua existência autêntica.

Esta pesquisa propõe-se a investigar como a estrutura existencial do Dasein possibilita a revelação de novas compreensões do Ser. Os objetivos específicos incluem, em primeiro lugar, compreender, por meio de uma análise histórica da noção de verdade, as transformações que levaram Martin Heidegger a buscar uma compreensão mais originária do tema. Em seguida, pretende-se identificar o significado de verdade como *aletheia*, conforme apresentado por Heidegger. Por fim, busca-se entender o papel do Dasein no processo de desvelamento do ser.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se com a introdução, que apresenta o problema e os objetivos da pesquisa. No primeiro capítulo, realiza-se uma leitura heideggeriana da noção de verdade, abordando seu desenvolvimento desde Aristóteles, passando pela compreensão medieval e moderna, até chegar ao contexto histórico e filosófico no qual Heidegger se inseria. O segundo capítulo aprofunda o conceito de *aletheia*, em que a verdade é compreendida como o desvelamento do ser. Finalmente, no terceiro capítulo, é discutido o papel ativo do Dasein no processo dinâmico em que o ser transita da ocultação para a desocultação.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

De acordo com Gomes (2009), Heidegger afirma que, ao longo do tempo, a filosofia acabou por esquecer o Ser e substituí-lo pelo ente. Esse esquecimento do Ser resultou em uma compreensão distorcida da verdade, uma vez que a verdade está intrinsecamente ligada ao Ser. A partir desse ponto de vista, a verdade passou a ser tratada como algo estático e objetivo, desvinculado de sua origem mais profunda no Ser.

Portanto, para abordar essa questão, este artigo propõe inicialmente uma retrospectiva histórica sobre a concepção de verdade na filosofia, analisando como essa compreensão foi sendo moldada e distorcida ao longo do tempo.

1.1 COMPREENSÃO ARISTOTÉLICA DE *ALETHEIA*

A filosofia ocidental possui uma longa tradição de reflexão sobre o conceito de verdade, cujas raízes encontram-se na Grécia Antiga. Um dos conceitos centrais nesse desenvolvimento é o de *aletheia*, termo que remonta ao pensamento clássico. De acordo com Gomes (2009), Aristóteles, um dos maiores expoentes da filosofia grega, compreendia a verdade como uma correspondência entre o pensamento e a realidade. Ele a definia como um juízo correto, ou seja, uma adequação entre a mente humana e o mundo exterior. Essa perspectiva, conhecida como verdade como correção, exerceu profunda influência na tradição filosófica, estabelecendo uma base que seria contestada e reinterpretada ao longo dos séculos.

Gomes (2009) argumenta que, Aristóteles não via a verdade apenas como uma questão técnica de proposições classificáveis como verdadeiras ou falsas. Para ele, a verdade também era um desvelamento do que realmente é. A lógica e a observação empírica eram, segundo sua visão, ferramentas essenciais para alcançar a verdade, que não se limitava a um conceito abstrato ou teórico, mas era acessível por meio da razão e da experiência prática.

Ainda segundo o autor, a influência do pensamento aristotélico estendeu-se por toda a Idade Média, moldando a maneira como filósofos e teólogos compreendiam a verdade. Sua abordagem lógica e racional forneceu uma base sólida para as discussões filosóficas e teológicas sobre o tema durante séculos.

1.2 COMPREENSÃO MEDIEVAL E MODERNA DE VERDADE

Em sua análise Boni (1995) sugere que, na Idade Média, a filosofia de Aristóteles foi integrada ao pensamento cristão por meio de pensadores como Santo Agostinho e Tomás de Aquino. Nesse contexto, a verdade era frequentemente associada a Deus, considerado a verdade absoluta e última. Tomás de Aquino afirmava que a verdade humana era um reflexo da verdade divina, destacando que Deus é a fonte de toda verdade.

Além disso, Boni (1995) considera que a compreensão medieval da verdade tinha uma dimensão moral e espiritual. Não se tratava apenas de uma correspondência entre proposições e a realidade, mas também de viver em conformidade com a verdade divina. Essa perspectiva expandia a noção de verdade para incluir aspectos teológicos e éticos, tornando a busca pela verdade uma parte essencial da vida virtuosa e da relação do indivíduo com o divino.

Conforme explicam Sousa e Lopes (2009), com o Renascimento e a chegada da modernidade, a filosofia começou a se afastar das explicações teológicas predominantes na Idade Média. René Descartes introduziu uma mudança significativa ao colocar a subjetividade no centro da epistemologia. Em sua busca por certezas inquestionáveis, ele utilizou a dúvida metódica como ferramenta para chegar a verdades indubitáveis.

O mesmo autor observa que Descartes propôs que a verdade está relacionada à clareza e distinção das ideias, deslocando o foco para a mente individual e sua capacidade de raciocínio. Essa nova abordagem não apenas redefiniu a concepção de verdade, mas também pavimentou o caminho para o desenvolvimento da ciência moderna, onde a verdade passou a ser cada vez mais ligada à verificação empírica e ao método científico. A obra de Descartes, assim, marca uma ruptura com a tradição anterior e estabelece um novo fundamento para a verdade no pensamento ocidental.

De acordo com Rodrigues (2011), o Iluminismo consolidou essa mudança ao afirmar a primazia da razão como meio de alcançar a verdade. Filósofos como Kant aprofundaram essa ideia, argumentando que a verdade não é apenas a correspondência entre conhecimento e realidade, mas também depende da estrutura da mente humana. Kant sugeriu que a experiência é organizada pela razão, implicando que a verdade é mediada por categorias e formas de intuição que moldam nossa percepção do mundo. Sua filosofia marca um passo crucial na compreensão da verdade, enfatizando a interdependência entre sujeito e objeto e abrindo caminho para uma nova abordagem epistemológica.

1.3 O CONTEXTO HISTÓRICO DE HEIDEGGER

Martin Heidegger formulou suas ideias num contexto de profundas mudanças culturais e intelectuais no início do século XX, marcado por crises políticas e sociais, como as duas guerras mundiais, e pelo surgimento de novas correntes filosóficas, como o existencialismo e a fenomenologia. Marques (1997), aponta que a fenomenologia de Edmund Husserl exerceu uma influência crucial sobre Heidegger. Husserl propunha um retorno aos próprios fenômenos, buscando descrever as experiências conscientes de maneira direta, sem pressuposições teóricas.

Ademais, Marques (1997) aponta que Heidegger reformulou a fenomenologia husserliana, deslocando seu foco para a questão do ser e enfatizando a experiência existencial do Dasein — o ser-aí, que expressa a forma como o ser humano existe no mundo. Ele se distanciou da abordagem puramente descritiva de Husserl, priorizando uma compreensão ontológica do ser humano em sua totalidade, estabelecendo uma distinção significativa na aplicação do método fenomenológico.

Na visão de Lucena (2020), Heidegger criticou a tradição filosófica que via a verdade como mera correspondência ou representação da realidade, argumentando que isso a reduzia a um problema epistemológico, ignorando sua profundidade ontológica. Para ele, a verdade é entendida como *aletheia* — um processo de desvelamento, no qual o ser se revela ao ser humano. Essa visão desafia a concepção moderna de verdade, destacando a relação entre o ser humano e o mundo, e concebe a verdade como um evento, uma abertura que permite a manifestação do ser.

Lucena (2020) considera ainda que pensamento de Heidegger foi também fortemente moldado pelas crises sociais e políticas de sua época. Ele observou a crescente tecnificação do mundo e a alienação do ser humano em relação ao ser. Sua filosofia busca resgatar uma compreensão mais autêntica da verdade e do ser, propondo um retorno às questões fundamentais da existência.

2 *ALETHEIA*, A VERDADE COMO DESVELAMENTO

De acordo com Lucena (2020), Heidegger critica a concepção tradicional da verdade como correspondência entre proposições, que remonta a uma má interpretação de Aristóteles da realidade. Na filosofia ocidental, essa visão estática e objetiva foca na adequação entre linguagem e mundo, o que, segundo Heidegger, reduz a verdade a uma questão epistemológica, negligenciando seu caráter ontológico mais profundo. Para ele, a verdade envolve uma relação fundamental entre o ser humano e o ser, indo além da

correção de proposições. Heidegger resgata o conceito grego de *aletheia* (desvelamento), visto como um processo dinâmico e temporal em que o ser se revela ao ser humano.

> A idéia de concordância não é, de forma alguma, a idéia primária no conceito de ἀλήθεια[3]. O "ser verdadeiro" do λόγος[4] enquanto ἀληθεύειν[5] diz: retirar de seu velamento o ente sobre que se discorre no λέγειν[6] como ἀποφαίνεσθαι[7] e deixar e fazer ver o ente como algo desvelado (αληθές[8]), em suma, descobrir (Heidegger, 2006, p. 72).

Stein (2006) argumenta que este desvelamento, porém, não é um simples ato intelectual, mas um envolvimento existencial profundo, onde o ser se retira de seu velamento e se apresenta ao homem.

No entanto, para o mesmo autor, o desvelamento nunca é completo, pois o ser nunca se revela inteiramente. Ele permanece, em parte, velado, o que implica que o ser nunca é totalmente compreendido. *Aletheia* envolve tanto o revelar quanto o ocultar, refletindo a complexidade da existência humana. Este processo contínuo de desocultamento é essencial para a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

> O fato de a verdade estar ligada ao Dasein, entretanto, não significa que sempre se dê esta verdade. Porque o caráter fundamental do ser-no-mundo é ser ao mesmo tempo encobridor. Isto é, a condição humana não se reconhece a si mesma, na sua plenitude, concretamente, porque ela tende a se encobrir diante da angústia e diante da morte. Nesse sentido, a fuga de si mesmo faz também com que o Dasein encubra a questão da verdade que nele se manifesta. E é também nesse sentido que o Dasein está sempre na verdade e na não- verdade. Isto é, está, ao mesmo tempo, ligado à verdade como lugar onde ela se dá, mas também como lugar onde ela pode ser encoberta.

---

3 ***ἀλήθεια (alétheia)***: Este termo grego é traduzido como "verdade". No pensamento de Heidegger, a verdade não é apenas uma correspondência entre uma afirmação e um estado de coisas no mundo. Ele busca uma compreensão mais profunda da verdade como revelação ou desvelamento do ser, onde algo se torna descoberto ou manifestado (Dicionário eletrônico).

4 ***λόγος (lógos)***: Este termo é frequentemente traduzido como "palavra" ou "discurso". Em Heidegger, o lógos não é apenas uma expressão linguística, mas representa a estrutura fundamental da compreensão e interpretação do ser. É através do logos que a verdade é revelada (Dicionário eletrônico).

5 ***ἀληθεύειν (alētheúein)***: Significa "desvelar" ou "tornar-se verdadeiro". Refere-se ao processo de revelação da verdade, à medida que algo passa de oculto para revelado (Dicionário eletrônico).

6 ***λέγειν (légein)***: Significa "dizer" ou "falar". Em Heidegger, está relacionado com a expressão verbal, mas também com a capacidade do ser humano de interpretar e dar sentido ao mundo (Dicionário eletrônico).

7 ***ἀποφαίνεσθαι (apophainesthai)***: Este termo significa "manifestar" ou "tornar-se aparente". Na filosofia de Heidegger, está relacionado ao modo como as coisas se revelam a nós, como se manifestam em nossa experiência (Dicionário eletrônico).

8 ***αληθές (alēthés)***: Este termo se refere ao "verdadeiro". Em contraste com a verdade como correspondência, Heidegger busca entender o verdadeiro como aquilo que se revela a nós no processo de desvelamento (Dicionário eletrônico).

> Que verdade? A verdade transcendental, a verdade fundante num sentido propriamente heideggeriano. Assim sendo, verdade e não-verdade serão dois termos que se colocam de uma maneira unitária (Stein, 2006, p 25).

Marçal (2011) observa que verdade, entendida como desvelamento, vai além da simples correspondência entre proposições e realidade. Ela é uma abertura ontológica, uma condição em que o ser se torna acessível ao ser humano. Isso nos leva a ver a verdade como um processo que transforma nossa compreensão do ser e do mundo.

O mesmo autor afirma que, Heidegger liga esse conceito de desvelamento ao Dasein, o ser humano enquanto ser-no-mundo. O Dasein está em uma relação constante de abertura ao mundo, o que permite que o ser se revele. Nesse sentido, a verdade não é apenas descoberta como algo objetivo, mas se manifesta no próprio ser do Dasein. Nessa mesma linha, Oliveira (2018) argumenta que a verdade não é uma propriedade estática de proposições, mas um processo contínuo de revelação e ocultamento, que desafia a ideia moderna de que o conhecimento é a simples acumulação de fatos objetivos.

Essa visão de verdade como desvelamento tem implicações filosóficas profundas. Ela desloca o foco da verdade da correspondência para um envolvimento existencial com o ser, enfatizando a autenticidade e a abertura na relação do ser humano com o mundo.

Em Ser e Tempo, Heidegger discute esse desvelamento principalmente no contexto do Dasein e da verdade. No parágrafo 44, intitulado Presença, abertura e verdade, ele explora como a verdade não se limita à correspondência entre proposições e realidade, mas envolve um processo mais profundo, em que o ser se desvela de maneira incompleta e parcial. A *aletheia* é entendida como uma dinâmica entre desvelamento e ocultamento, que acompanha a existência humana. O desvelamento nunca é total, pois o ser está sempre envolto em algum grau de ocultação, o que impede uma compreensão absoluta do ser. Essa dualidade de revelação e velamento é central na experiência ontológica do ser humano.

3 DASEIN E O DESVELAMENTO DO SER

De acordo com Zarader (1990), em Ser e Tempo, Heidegger estabelece uma distinção crucial entre ente e Ser. O ente diz respeito às entidades concretas que habitam o mundo, enquanto o Ser representa uma dimensão mais primordial, a condição essencial que possibilita a existência de qualquer ente. Em outras palavras, o Ser não é simplesmente uma coisa entre outras; é a própria estrutura que permite que os entes se manifestem e sejam reconhecidos como tais.

A pergunta o que significa ser? emerge como a questão central na ontologia heideggeriana. Heidegger (2006) argumenta que a filosofia ocidental, desde Platão e Aristóteles, negligenciou essa questão fundamental, abordando o Ser de maneira abstrata e desconectada das experiências concretas da vida humana. Ele se refere a isso como o esquecimento do Ser. Para transcender essa tradição, Heidegger propõe não apenas uma definição estática do Ser, mas uma exploração de sua dinâmica, um processo de desvelamento e ocultamento, especialmente no que diz respeito à experiência humana.

> O ser — e não o ente — só "se dá" porque a verdade é. Ela só é na medida e enquanto a pre-sença é. Ser e verdade "são", de modo igualmente originário. Só se pode questionar concretamente o que significa dizer o ser "é" e de onde ele deve se distinguir de todos os entes, caso se esclareça o sentido de ser e a envergadura da compreensão ontológica. Só então pode-se discutir originariamente o que pertence ao conceito de uma ciência do ser como tal, de suas possibilidades e derivações. E na delimitação dessa investigação e de sua verdade é que se pode determinar ontologicamente a investigação como descoberta dos entes e de sua verdade (Heidegger, 2006, p. 301).

Heidegger (2006) introduz a noção de Dasein, que se traduz como ser-aí, para caracterizar o ser humano como o único ente capaz de questionar sua própria existência e, consequentemente, de refletir sobre o Ser. O Dasein não deve ser compreendido como um sujeito isolado; ele é um ser que está sempre imerso em um mundo, interagindo com outros entes. Assim, a questão sobre o Ser só pode ser abordada a partir da vivência do Dasein, pois é por meio dele que o Ser se revela. O Dasein possui a capacidade de estar consciente de sua própria existência e da existência dos demais entes que o cercam.

3.1 O SER-NO-MUNDO

De acordo com Heidegger (2006), Dasein, literalmente ser-aí, refere-se à maneira singular como os seres humanos existem. Ao contrário de objetos inanimados ou outros seres vivos, o Dasein possui a capacidade de questionar sua própria existência. Essa autoconsciência é fundamental para o desvelamento do ser.

Zarader (1990) argumenta que para Heidegger o Dasein nunca está isolado; ele sempre existe em relação com o mundo ao seu redor. Essa relação é descrita como ser-no-mundo. O mundo não é apenas um conjunto de objetos, mas um contexto de significados e relações em que o Dasein se encontra imerso. Essa imersão é essencial para que o desvelamento ocorra, pois é através dela que o ser se torna compreensível.

3.2 ESTRUTURA EXISTENCIAL DO DASEIN

A temporalidade é um aspecto fundamental na análise do Dasein em Ser e Tempo. Heidegger (2006) não concebe o tempo como uma mera sequência linear de eventos, mas sim como uma estrutura existencial que molda a maneira como o Dasein se projeta no mundo. Os tempos passado, presente e futuro estão entrelaçados na experiência humana, influenciando profundamente a percepção e a interpretação que o Dasein tem da realidade.

Segundo o mesmo autor, a projeção temporal do Dasein permite que ele transcenda o imediato e questione as possibilidades de sua própria existência. Esse questionamento é essencial para o desvelamento do Ser, pois cria espaço para novas compreensões e interpretações do que é a realidade.

3.3 AUTENTICIDADE E INAUTENTICIDADE

Heidegger (2006), distingue entre modos autênticos e inautênticos de existência no Dasein. A inautenticidade se manifesta quando o Dasein se conforma às expectativas e normas sociais sem questioná-las, vivendo de maneira superficial e mecanizada. Por outro lado, a autenticidade implica um compromisso consciente com a própria existência, que envolve o reconhecimento da finitude e das possibilidades únicas que o ser humano possui.

Na sociedade moderna, repleta de distrações e pressões sociais, o alcance da autenticidade torna-se um desafio. O Dasein deve resistir à tendência de se deixar levar pela rotina e pela conformidade, buscando, em vez disso, uma compreensão mais profunda e pessoal de sua própria existência. Essa busca pela autenticidade exige reflexão e um engajamento ativo com as próprias possibilidades, permitindo ao Dasein viver de forma mais genuína e consciente.

3.4 O PAPEL DO DASEIN NO DESVELAMENTO

Heidegger (2006) atribui ao Dasein a responsabilidade de desvelar o Ser, uma tarefa que não é passiva, mas que exige um envolvimento ativo e uma disposição para questionar e reinterpretar o mundo. O Dasein é visto como um mediador que, por meio de sua existência, traz à luz novos aspectos do Ser.

> Caso a questão do ser deva ser colocada explicitamente e desdobrada em toda a transparência de si mesma, sua elaboração exige [...] a explicação da maneira de visualizar o ser, de compreender e apreender conceitualmente o sentido, a preparação da possibilidade de uma escolha correta do ente exemplar, a elaboração do modo genuíno de acesso a esse ente. Ora,

> visualizar, compreender, escolher, aceder a são atitudes constitutivas do questionamento e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, daquele ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente — o que questiona — em seu ser (Heidegger, 2006, p. 42).

O desvelamento vai além da mera descoberta de fatos objetivos; ele implica uma compreensão mais profunda do Ser. Quando o Dasein vive de forma autêntica, torna-se capaz de revelar verdades que transcendem o alcance de uma abordagem puramente objetiva ou científica.

Em suma, o Dasein é essencial para o desvelamento do Ser, pois sua estrutura existencial e sua capacidade de viver autenticamente possibilitam a descoberta e a compreensão de novas verdades. Por meio de seu ser-no-mundo, o Dasein não apenas participa do mundo, mas também contribui para a contínua revelação do Ser.

CONCLUSÃO

Portanto, a *aletheia* não é um estado estático de conhecimento, mas um processo dinâmico em constante evolução. Heidegger enfatiza que a verdade não pode ser capturada em proposições ou fórmulas, mas se revela à medida que interpretamos nossas experiências e exploramos as profundezas da existência. Ele nos instiga a entender a verdade como algo intrinsecamente ligado ao ato de desvelar e desocultar.

Para Heidegger, quando o Ser é esquecido, a verdade se obscurece, e a filosofia tradicional acaba focando em questões superficiais e categorias predefinidas, perdendo de vista as questões fundamentais da existência. Resgatar o Ser do esquecimento é, portanto, uma tarefa crucial para alcançar uma compreensão mais autêntica da verdade. A verdade só pode ser desvelada quando reconhecemos a importância do Ser em nossas vidas e em nossa compreensão do mundo.

Dessa forma, a busca pela verdade não é um empreendimento puramente intelectual ou abstrato, mas uma jornada que envolve a interpretação da experiência e a reflexão sobre a natureza do Ser. O desvelamento da verdade ocorre à medida que reconhecemos o papel central do Ser em nossa existência e exploramos a dinâmica da verdade como um processo contínuo de revelação e desocultamento.

Assim, a filosofia de Heidegger nos convida a repensar a natureza da verdade, destacando seu caráter dinâmico e o desvelamento como um processo ininterrupto. A importância do Ser na compreensão da verdade é central, e o esquecimento do Ser é um obstáculo que precisa ser superado. Portanto, a verdade é uma jornada contínua que nos leva a explorar a profundidade da existência humana e a desvelar a verdade presente em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

BONI, Luís Alberto de. A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval. **Dissertatio. Revista de Filosofia do Departamento de Filosofia do ICH/UFPEL**, v. 1, p. 66-106, 1995.

GOMES, Charlington Alves. **A verdade como correção e Alétheia uma reconstrução do problema da verdade em Heidegger**. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5596. Acesso em: 27 ago. 2024.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 598 p.

LUCENA, Sharlon Santos de. **O problema da verdade na filosofia de Martin Heidegger**. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20347. Acesso em: 27 ago. 2024

MARÇAL, J. C. " EXISTÊNCIA" E" VERDADE" EM MARTIN HEIDEGGER. **Saberes- Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, Natal – RN, n. 6, 2011.

MARQUES, Jordino. O método fenomenológico em Husserl e Heidegger-Diferenças e aproximações. **Philósophos-Revista de Filosofia**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 1997.

OLIVEIRA, Bruno José do Nascimento. O ACONTECER DA VERDADE NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 10, n. 22, p. 13-23, 2018.

RODRIGUES, Luís Estevinha. O conceito de verdade na Crítica da Razão Pura de Kant. **Problemata: Revista Internacional de Filosofía**, v. 2, n. 1, p. 137-157, 2011.

SOUSA, Maria Helena Ferreira de; LOPES, Ms Ideusa Celestino. Descartes e um novo fundamento para a verdade. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 3, n. 2, 2009.

STEIN, Ernildo. **Sobre a verdade**: lições preliminares ao parágrafo 44 de Ser e Tempo. Ijuí: Unijuí, 2006. 328 p.

ZARADER, Marlène. **HEIDEGGER e as palavras da origem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. 416 p.